



PAIXÃO E RIGOR: O OLHAR DE LUIZ NAZÁRIO PELOS CORPOS DE PASOLINI

Aline Ludmila de Jesus*

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

alineludmila@yahoo.com.br

Se considerarmos que as relações entre aqueles que pesquisam e seus respectivos objetos de estudos são amiúde carregadas de paixões e intenções, o leitor não se furtará ao fascinante livro **Todos os corpos de Pasolini**. Aqui estamos diante da paixão do autor Luiz Nazario pelo chamado **universo pasoliniano**, paixão esta que descortina vários corpos e nos envolve em uma pesquisa sofisticada.

Publicada em 2007 pela Editora Perspectiva (São Paulo), na Coleção Perspectivas, a obra tem suas páginas enraizadas na sobriedade do autor ao lidar com as diversas fontes que tocam todos os corpos de Pasolini. Doutor em História pela Universidade de São Paulo e professor de cinema da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, o envolvimento de Nazario com o cinema é pleno e ultrapassa os limites da academia, pois, além de inúmeras publicações, chegou a produzir filmes.

Nesse sentido, o livro insere-se em um caminho de pesquisa que alia rigor e paixão, e não confundamos aqui rigor com rigidez. Nele, Nazario trabalhou com a vasta produção teórica de Pasolini – nos seus diversos corpos – e com a fortuna crítica suscitada pelo **universo pasoliniano**. Tudo que minimamente estivesse relacionado a tal universo foi perscrutado por ele. Aliás, esse trabalho minucioso está à disposição do leitor nas notas de rodapé e no capítulo **O Corpus Arquivado: Um legado Inesgotável**, que apresenta, como o próprio nome diz, um vasto acervo bibliográfico colocado à disposição dos interessados.

* Graduada em História pela Universidade Federal de Uberlândia – MG. Na mesma instituição desenvolve pesquisa de Iniciação Científica, financiada pelo CNPq, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Spinola Pereira Caldas.

O título **Todos os corpos de Pasolini** é extremamente adequado ao conteúdo. A estrutura do trabalho é muito instigante, visto que ela induz o leitor a perpassar sobre os corpos registrados sob a escrita de Nazario.

No primeiro capítulo, **O Corpo Vivo: Orfeu na Sociedade Industrial**, Nazario realiza, de certa forma, uma biografia de Pasolini, dando-nos um apanágio para entender como a vida pessoal refletiu sobre a produção intelectual. Para tanto, o percurso adotado vai desde os primeiros versos até os trabalhos publicados postumamente.

Em meio a essa narrativa, tem papel destacado a relação do cineasta com sua mãe. De acordo com Luiz Nazario, ele teve uma “infância edipiana”, na qual a mãe, Suzana, é descrita como sendo “discreta e doce” e seu pai “sensual e violento”. Tal percepção decorria das tensões familiares oriundas da personalidade do pai militar. E, nesse ambiente conflituoso, o filho sempre tomava o partido da mãe.

Foi também objeto de destaque a sua vivência em meio ao fascismo e ao desenvolvimento de uma sociedade industrial, com o intuito de demonstrar como aquela conjuntura histórica propiciou a emergência de determinados ideais e serviu de inspiração para certas produções, tais como os *poemas em friulano*, nos quais Nazario constata a presença de “seu latente comunismo instintivo, libidinal” (p. 23).

Pasolini, por intermédio de seus escritos e de seus filmes, desenvolveu um refinado engajamento intelectual que, no âmbito familiar, se contrapôs à trajetória de seu irmão, Guido, que foi por ele estimulado a se engajar na luta contra o fascismo e morreu em combate. “A morte de Guido marcou profundamente Pasolini, e a imagem do jovem resistente assassinado assombrará sua obra, associando ao ideal revolucionário uma pureza mítica, suscitando um conceito de liberdade próximo ao do martírio” (p. 26).

Esse acontecimento, nas palavras de Nazario, ocasionou, no artista, certa melancolia em relação ao irmão, pois nesse último pulsava uma práxis revolucionária que não se encontrava, de maneira direta, nele próprio. Guido foi, portanto, um dos corpos que Pasolini buscou se aproximar: um corpo orientado pela mítica revolucionária, mas que não conseguiu se transformar.

Outro aspecto de grande relevância é a ênfase dada à sexualidade do cineasta, na medida em que a descoberta da homossexualidade, os desejos iniciais, as primeiras experiências, os amores, e até mesmo os escândalos são intrínsecos à sua obra.

O autor, ao articular vida pessoal e íntima, apresenta ao leitor uma reflexão acerca do papel do sagrado no pensamento de Pier Paolo Pasolini. Na avaliação de Nazario, ele já está presente na relação com a mãe (identificada como uma miragem sagrada), assim como nas discussões sobre homossexualismo porque, para o artista, “o homossexual teria mais o sentido da origem sagrada da vida do que aquele que se pretende estritamente heterossexual” (p. 96).

Sob esse prisma, Nazario registra que Pasolini procurava esboçar essa sexualidade que visasse o sagrado em suas obras, isto é, o chamado **universo libidinal**. Entretanto, esse universo não era aceitável pela sociedade, e, em especial, pelo Partido Comunista Italiano, já que seus militantes cobravam do cineasta uma comunhão entre arte e política. Porém:



Pasolini, por seu lado, já tendia à barbárie, palavra que dizia mais amar no mundo, por conter tudo o que era superado pela civilização como inferior ou decadente, e condenado à deformação em guetos. Sua obra constitui-se, desde o começo, numa reflexão vivida sobre os excluídos da festa gelada do consumo, sobre a marginalização do “diferente” que atinge, na ascese da perseguição, uma espécie de santidade. (p. 34)

No que diz respeito à produção cinematográfica, Nazario discorre sobre o cinema político italiano com a intenção de acentuar a singularidade do trabalho de Pasolini porque, enquanto a maioria dos cineastas utilizava os princípios do realismo, ele expressava em seus filmes a sua própria realidade, bem como aquela que o cercava pelo uso de metáforas e alegorias. Pasolini via no cinema a “escrita da ação”.

Ao analisar algumas de suas películas observa que ele mesclava aspectos de seu mundo pessoal às críticas à sociedade, principalmente no que tange ao mundo do consumo e aos elementos sagrados, como se verifica em **Teorema**:

Já para mostrar que a sociedade industrial formou-se em contraposição total com a civilização camponesa, e como a dimensão humana do sagrado foi institucionalizada pela Igreja, profanada pelo poder e substituída pela ideologia materialista do bem-estar. (p. 63)

Contudo, não é somente sobre o Pasolini em vida que Nazario se debruça. No capítulo **O Corpo Massacrado: A última noite**, ele analisa de forma minuciosa a trágica morte de Pasolini. Convida o leitor a interpelar, de maneira reiterada, sobre as circunstâncias e os desdobramentos daquele assassinato. Para isso, analisa os vários corpos, as diversas facetas do cineasta, assim como evidencia as latentes contradições do crime.

Luiz Nazario reafirma a tese de que o assassinato de Pier Paolo Pasolini pode ser caracterizado como um crime político por excelência, uma vez que o artista foi massacrado pela própria sociedade industrial. Como “Orfeu de uma sociedade industrial”, Pasolini tentou disseminar um mundo livre de repressão e cuja principal sustentação seria a própria liberdade, alimentada pelo sagrado. Porém, como Orfeu, teve que pagar com a própria vida, cujos restos se transformaram em um melodioso canto que ninguém consegue silenciar (p. 131).

Em **O corpo em Testamento: Nudez e Cultura X Nudez e Consumo**, o autor analisa o corpo em si, mostrando-nos como as sociedades contemporâneas transformaram o corpo em objeto de abstração, retirando dele o aspecto atraente e erótico. Como contraponto a esse corpo abstrato, Nazario recupera o erotismo em Pasolini, no qual o gozo é sagrado e a nudez adquire dimensão sacra.

Sua escritura é erótica no sentido mais puro da palavra, deixando-nos sempre uma sensação de concretude, mesmo quando a forma de seus textos e imagens os torna herméticos: ele jamais perde de vista a realidade última, física, do sexo. (p. 138)

Para além dessas questões temáticas que pulsam na escrita de Nazario, há ainda a preocupação com a recepção que as obras de Pasolini e o próprio cineasta obtiveram. Nesse aspecto, é inegável a paixão e clareza de Luiz Nazario no diálogo com o legado **pasoliniano** e aqui nos remetemos ao capítulo **O Corpo Estranho: Pasolini no Brasil**, no qual se discute a repercussão de seu trabalho em nosso país, que passou de uma marcada negatividade para um paulatino esquecimento.

Todavia, o livro **Todos os corpos de Pasolini** (São Paulo: Perspectiva, 2007) retoma o **universo pasoliniano**. Buscou registros ocultados nos porões daquele universo e, com isso, nos dá condições para refletirmos – numa espécie de paixão que se mistura no rigor – sobre as maneiras pelas quais a sociedade contemporânea danifica nossos corpos diferenciados.

As indagações suscitadas permitem também recordar a própria fecundidade dos diversos corpos de Pasolini como “Orfeu de uma sociedade industrial”. Este, a despeito de suas tonalidades, agora, em alguns sentidos diferentes ainda pode nos impulsionar a um outro futuro, quem sabe, radicalmente diferente deste presente.



www.revistafenix.pro.br